

**CIDADE, BENS CULTURAIS E MEMÓRIA<sup>1</sup>:  
RUA SALES BARBOSA****CITY, CULTURAL HERITAGE, AND MEMORY: SALES BARBOSA STREET  
CIUDAD, BIENES CULTURALES Y MEMORIA: CALLE SALES BARBOSA**Layla Manuely Lima de Sá<sup>2</sup>Carlos Augusto Lima Ferreira<sup>3</sup>DOI: [10.5752/P.2316-1752.2024v31n45p30-50](https://doi.org/10.5752/P.2316-1752.2024v31n45p30-50)**Resumo**

Este estudo investiga a relação entre o progresso urbano e a memória coletiva em Feira de Santana, Bahia, concentrando-se na rua Sales Barbosa. Analisa os impactos do desenvolvimento urbano na preservação de bens culturais que constituem lugares de memória, especialmente nos anos de 1937, 1970, 1980 e 2021. Para embasar a análise, utiliza fotografias e projetos arquitetônicos, com o objetivo de compreender a relação da falta de preservação cultural na memória coletiva, destacando a importância das relações entre memória e cultura nas transformações urbanas.

**Palavras-chave:** Progresso urbano; Memória; Preservação; Cultura.

**Abstract**

This study investigates the relationship between urban progress and collective memory in Feira de Santana, Bahia, focusing on Sales Barbosa Street. It analyzes the impact of urban development on the preservation of cultural assets that serve as places of memory, particularly in the years 1937, 1970, 1980, and 2021. The research employs photographs and architectural projects to support the analysis, aiming to understand the effects of the lack of cultural preservation on collective memory, emphasizing the significance of the connection between memory and culture in urban transformations.

**Keywords:** Urban progress; Memory; Preservation; Culture.

**Resumen**

Este estudio investiga la relación entre el progreso urbano y la memoria colectiva en Feira de Santana, Bahía, con un enfoque en la calle Sales Barbosa. Analiza los impactos del desarrollo urbano en la preservación de bienes culturales que son lugares de memoria, especialmente en los años 1937, 1970, 1980 y 2021. Utiliza fotografías y proyectos arquitectónicos para fundamentar el análisis, con el objetivo de comprender la relación entre la falta de preservación cultural y la memoria colectiva, destacando la importancia de las relaciones entre memoria y cultura en las transformaciones urbanas.

**Palabras clave:** Progreso urbano; Memoria; Preservación; Cultura.

---

<sup>1</sup> Este artigo toma por base investigação em andamento no mestrado de Layla Manuely Lima de Sá, no Programa de [Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade](#) (PPGDICI) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob orientação de Dr. Carlos Augusto Lima Ferreira.

<sup>2</sup> Arquiteta e Urbanista pela Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF), mestranda em Desenho, Cultura e Interatividade na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

<sup>3</sup> Historiador pela Universidade Católica do Salvador, Mestre e Doutor em Educação pela Universitat Autònoma de Barcelona - UAB. professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atuando no Programa de Pós Graduação em História (mestrado) e nos cursos de Graduação em História e Pedagogia e no Programa de Pós Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade (Mestrado).

## INTRODUÇÃO

Este artigo explora a relação entre o progresso urbano, os bens culturais e a memória coletiva, tendo como estudo de caso a Rua Sales Barbosa, no município de Feira de Santana, Bahia. Ao longo das décadas de 1940, 1970, 1980 e, mais recentemente, em 2021. Essa rua passou por significativas transformações, que serão retratadas ao longo da análise. Tais mudanças envolvem tanto bens imateriais, como a feira livre que outrora ocorria no local, quanto bens materiais, como as casas comerciais no estilo Art Déco, que antes constituíam a paisagem da rua.

O objetivo principal deste estudo é investigar como as transformações do espaço urbano afetam a memória coletiva, com ênfase no enfraquecimento da relação entre os bens culturais e a memória ao longo do tempo. Para isso, serão analisados documentos diversos, como fotografias e projetos arquitetônicos das diferentes décadas e registros fotográficos, que demonstram a rua após a nova requalificação iniciada em 2021. Serão utilizados, também, mapas adaptados pelos autores, com o objetivo de situar o leitor quanto à localização dos eventos e pontos de interesse mencionados. A análise busca destacar a ausência de preservação das casas comerciais em estilo Art Déco na rua e a remoção da feira livre, símbolo de formação da cidade de Feira de Santana. A cidade de Feira de Santana<sup>4</sup> (figura 1), localizada no estado da Bahia, teve suas origens em torno de uma feira de gado e produtos agrícolas. Esse mercado surgiu após a construção da capela de Nossa Senhora de Sant'Anna, na Fazenda Sant'Anna dos Olhos D'Água, atraindo tropeiros que transitavam pela região e faziam do local um ponto estratégico de parada. Essa movimentação contribuiu para o crescimento da cidade, que se desenvolveu ao redor da feira.

---

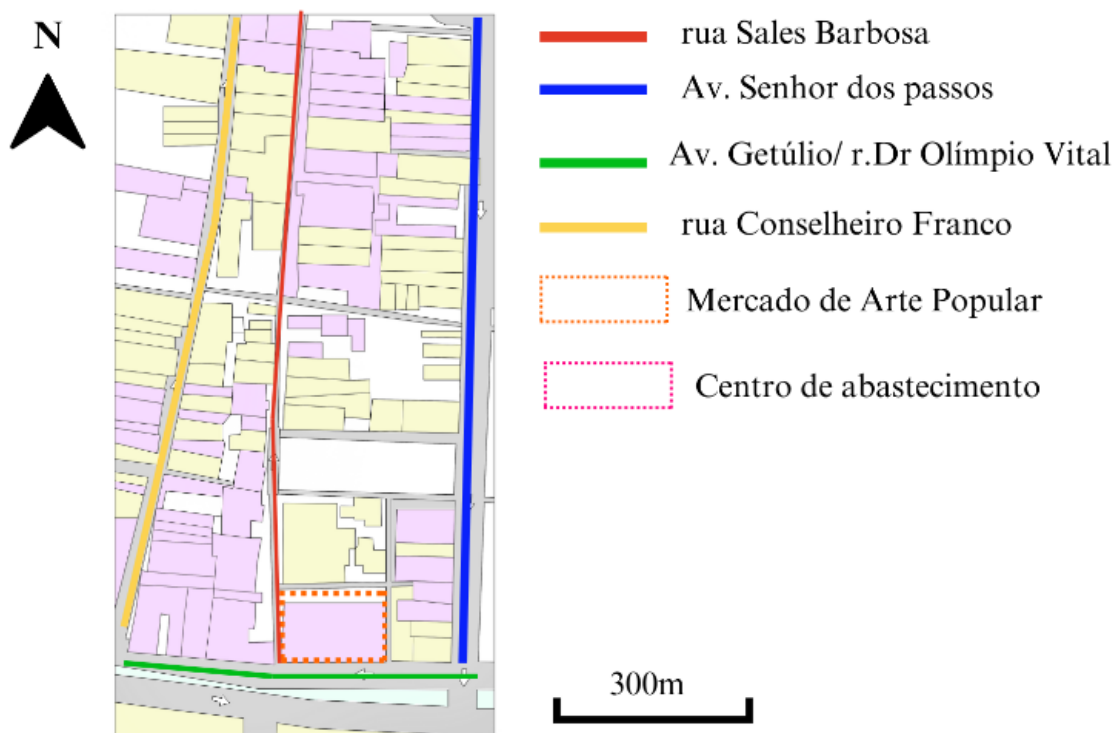
<sup>4</sup>Para saber mais acesse o site da prefeitura municipal: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/>



**Figura 1:** Localização Feira de Santana e principais vias.

**Fonte:** Do autor, 2024.

No entanto, apesar da feira livre ser vista como símbolo fundador da cidade, a busca por status rejeitava qualquer movimento que remetesse à cultura local (Leite, Santos e Silva, 2016). Esses costumes eram vistos como contrários à ideia de progresso defendida pelos grupos economicamente dominantes, compostos por empresários, políticos e proprietários de terras. Isso resultou na negação e esquecimento dos costumes ligados à feira livre. O interesse por alterações em Feira de Santana concentra-se no centro da cidade e no objeto de estudo (figura 2), anteriormente considerado um obstáculo ao desenvolvimento urbano e atraso do progresso feirense.



**Figura 2:** Localização do objeto de estudo.

**Fonte:** Do autor, 2024.

O artigo fundamenta-se em diversos autores que enriquecem a análise sobre a temática. Gonçalves (2019) traz uma perspectiva sobre a feira livre, enquanto Nery (2023) e Lima (2014) se concentram na Rua Sales Barbosa. Além disso, Simões (2007) oferece uma visão sobre o cotidiano e a identidade rural da cidade. Complementarmente, as ideias de Halbwachs (1990) sobre memória coletiva e sua formação por grupos sociais também são essenciais para a compreensão do tema. Juntos, esses autores fornecem uma base sólida para a discussão proposta.

Este artigo está estruturado em uma introdução e dividido em duas seções principais. A primeira, intitulada Metamorfose urbana e a configuração das paisagens da rua Sales Barbosa, analisa o objeto de estudo, explorando as diversas transformações urbanas ocorridas ao longo do tempo. A segunda seção, Bens culturais, memória coletiva e a rua Sales Barbosa, examina o conceito de memória coletiva vinculado aos bens culturais e às transformações urbanas. O artigo se encerra com uma conclusão dos principais achados, além de apontar as lacunas que ainda necessitam de investigações mais aprofundadas e que não foram completamente abrangidas neste estudo.

## METAMORFOSE URBANA E A CONFIGURAÇÃO DAS PAISAGENS DA RUA SALES BARBOSA

Karl Marx, ao destacar a luta de classes como um resultado dos processos capitalistas, buscou revelar as relações sociais emergentes nas cidades (VÁZQUEZ, s.d.). Essa análise não se limitou à transformação dos meios de produção, abrangendo também a cultura e a estrutura social das áreas urbanas. Em Feira de Santana, a dinâmica da luta de classes pode ser observada na rua Sales Barbosa. As frequentes transformações na rua evidenciam a tensão social e como os grupos dominantes procuravam consolidar seu poder e promover o progresso econômico, enquanto as camadas mais vulneráveis lutavam por melhores condições de vida e por uma participação justa nos benefícios do desenvolvimento urbano.

Nesse contexto, a urbanização crescente, impulsionada pela industrialização e pela migração rural-urbana, provocou uma série de conflitos e reconfigurações na estrutura social de diversas cidades. Este processo, em Feira de Santana, como delineado por Kleber Simões (2007, p.40 - 41), é um fenômeno que se iniciou entre os anos de 1916 e 1938. Durante esse período, os grupos dominantes da cidade começaram a adotar uma nova perspectiva em relação ao desenvolvimento municipal. O desejo por mudanças conduziu à necessidade de transformar a paisagem urbana, visando alinhar Feira de Santana aos padrões de modernização observados na capital, Salvador. Este impulso foi tão expressivo que a cidade, outrora conhecida como a "princesa do sertão", aspirava a se tornar a "princesa da modernidade".

Este processo foi marcado pela inserção de indústrias no meio urbano feirense e pela formulação do código de posturas municipais em 1937<sup>5</sup>, um marco regulatório destinado a eliminar construções e práticas consideradas antiquadas, como por exemplo, a proibição da construção e permanência de casas que evocassem um período arcaico, uma tentativa clara de alterar a imagem cultural sertaneja que permeava a cidade, e de reconfigurar as características da cultura e arquitetura do município:

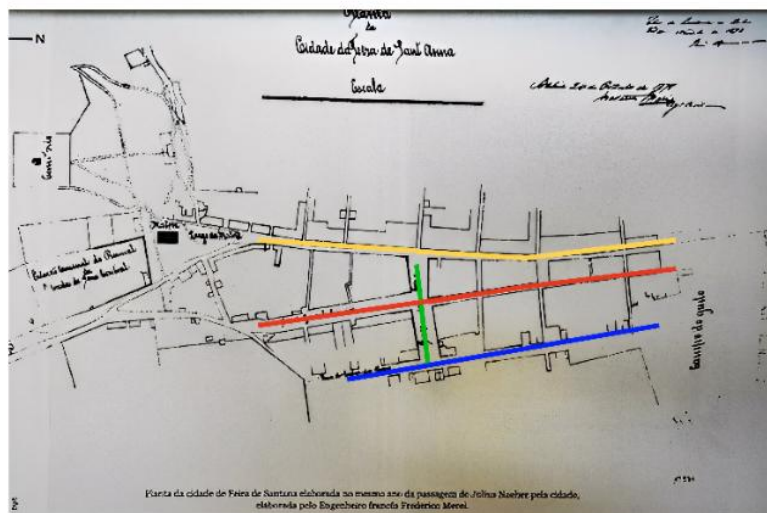
Art. 72º- São banidos do perímetro urbano da cidade as meias-águas e as construções(sic) em forma de chalet ou casa de campo. Art. 73º- É vedado, em qualquer ponto da cidade, a construção(sic) de sótão que possam ser vistos da rua. (...) Art. 77º - Não é permitido beiral de telhas nos edifícios do perímetro urbano nem ahi(sic) se admitem(sic) caixilhos de suspensão pu rótulas. Art.78º- Ficam incurso na multa de 50\$000 os infractores (sic) dos dispositivos das secções (Feira de Santana, 1937).

A Rua Sales Barbosa era conhecida como "Rua de Baixo" até 1895, e, juntamente com a Rua Marechal Deodoro, formava a chamada "Rua do Meio". De acordo com Lima (2014), a Rua do Meio era uma das três primeiras vias da cidade, sendo um dos pontos de expansão da feira livre (figura 3). Em

---

<sup>5</sup> Código de Posturas do Município de Feira de Santana. Decreto-Lei Nº 1 de 29 de dezembro de 1937.

meados de 1900, sua paisagem era dominada por uma arquitetura considerada rural pelos grupos que buscavam modernizar a imagem urbana de Feira de Santana (figura 4).



- rua do Meio
- Av. Senhor dos Passos
- Av. Getúlio Vargas
- rua Conselheiro Franco

**Figura 3:** Planta de Feira de Santana (1887).

**Fonte:** Oliveira, A. M. de; Oliveira, L. N. A. de; Santana, L. das N.; Brito, C. A. O. Sensoriamento remoto aplicado à delimitação de centros históricos. *RGSA - Revista de Gestão Social e Ambiental*, v. 17, n. 1, 2023. Com intervenção dos autores, 2024.



**Figura 4:** Rua Sales Barbosa em frente ao Mercado de Arte Popular datado de 1914.

**Fonte:** Memorial da Feira, s/d.

Já em 1940, surgem as primeiras plantas de fachadas da Rua Sales Barbosa, localizadas no arquivo público municipal, que revelam a adoção do estilo Art Déco como característica da arquitetura da época e parte do processo de embelezamento. Este estilo arquitetônico, introduzido no Brasil entre 1930/40, surgiu inicialmente na Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas, realizada em Paris na década de 1920, com o objetivo de unir artes decorativas e industriais modernas, trazendo sofisticação e luxo à produção em massa (Correia, 2008).

Embora tenha raízes no início do século XX, o estilo se tornou mais proeminente na segunda metade do século. Além disso, passou a ser conhecido por outros nomes, como *streamline modern* e *zigzag modern*. Correia (idem) também observa que, no Brasil, o estilo é frequentemente referido como “iniciativas modernizantes” (p. 48). Na figura 5, é possível observar três fachadas que compõe características do estilo como o uso de marquises, platibandas, frisos e linhas retas, localizadas na rua Sales Barbosa:



**Figura 5:** Fachadas para construção (1948), reconstrução (1949) e reconstrução (1949), respectivamente.  
**Fonte:** Arquivo Público Municipal, 2024.

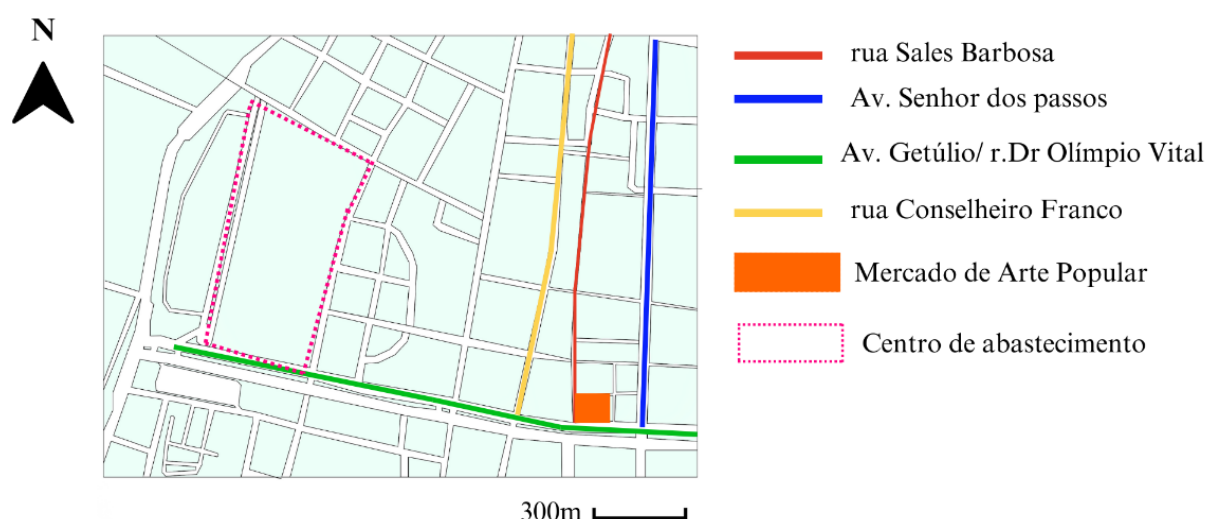
As edificações da rua, inicialmente alinhadas ao ideal de embelezamento com fachadas reformuladas na década de 1940, refletem a tentativa de trazer modernização à paisagem urbana. No entanto, ao longo das décadas, essas fachadas também passaram por processos de descaracterização, assim como a dinâmica dos feirantes, que foram deslocados do centro para o novo mercado. Ambas as transformações evidenciam um ciclo de modernizações que, paradoxalmente, geram perdas em termos de bens culturais.

As alterações impostas não se limitavam à arquitetura e ao ambiente físico. Como observado por Simões (2007, p.58), houve uma imposição de controle social abrangendo os espaços públicos, privados e até mesmo os costumes. Esse controle tinha como intenção abrir espaço para uma população mais alinhada às expectativas de progresso urbano e cultural. Tais restrições resultaram na exclusão desses grupos considerados indesejáveis. Portanto, essas mudanças tiveram um impacto na dinâmica social, influenciando as relações de poder e pertencimento dentro da comunidade.

Esse desejo de transformar Feira de Santana na “princesa da modernidade” não ocorreu de forma homogênea e pacífica. Houve resistência por parte das camadas mais desfavorecidas da população, que muitas vezes foram marginalizadas e excluídas do processo de desenvolvimento urbano. Como por exemplo, os trabalhadores rurais, moradores de áreas periféricas e os feirantes do centro da cidade, que foram frequentemente deslocados devido à expansão urbana. A cidade, assim, se viu diante de um conflito entre a preservação de suas tradições e a adoção de novos padrões de desenvolvimento urbano e cultural, importados de centros urbanos considerados mais avançados.

Dessa forma, a história de Feira de Santana como “princesa da modernidade” reflete um fenômeno comum em muitas cidades em desenvolvimento: a busca por progresso, muitas vezes definido por padrões externos, que pode resultar na marginalização e na perda cultural dos grupos e da arquitetura local.

Entre as décadas de 1940 a 1970, o local passou por transformações significativas em sua paisagem urbana. As edificações da rua estavam cada vez mais alinhadas ao ideal de embelezamento. Na década de 1970 as modificações foram ainda mais visíveis com a retirada dos feirantes para o novo centro de abastecimento, como representa a localização na (figura 6).



**Figura 6:** Mapa da localização do centro de abastecimento.

**Fonte:** Do autor, 2024.

Essa transição não foi feita de forma pacífica, muitos feirantes e pessoas que utilizavam a feira livre como ponto de encontro relatavam com receio a nova dinâmica urbana do município. Isto pois, como relata Azevedo (2009), embora a atividade comercial da feira livre esteja relacionada à falta de oportunidades de trabalho formal, em Feira de Santana, o “fazer a feira” está intrinsecamente ligado ao modo de vida da maioria dos habitantes da cidade. O funcionamento do comércio informal é visto por muitos como um padrão cultural. Além disso, a feira livre não se limitava ao centro, mas se expandia pelo tecido urbano, espalhando-se para outras áreas da cidade.

Essas mudanças alteraram a dinâmica da rua, que nos dias de feira livre se desenvolvia como ilustrada a (figura 7). Nas movimentadas ruas e bancas da feira, além de produtos, também eram trocadas histórias, tradições e experiências de vida. Esse intercâmbio cultural e econômico fortalecia os laços sociais da cidade e impulsionava a economia.



**Figura 7:** Feira livre na avenida Getúlio Vargas e esquina com a rua Sales Barbosa (1972).

**Fonte:** História nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Magalhães, s/d.

Segundo a pesquisadora Alessandra Araújo (2005, p. 49), um dos motivos para a retirada da feira do centro da cidade é que a dinâmica do comércio impossibilitava que o local estivesse livre de barracas e de fluxo de pessoas na maior parte da semana. No entanto, outras motivações enfatizaram a transição das pessoas para o centro de abastecimento. De acordo com o especialista em Políticas Públicas, André Pomponet, essa articulação é fruto do processo de revitalização do centro. Com a chegada de novos habitantes na cidade, após o estabelecimento de indústrias no bairro Subaé, Feira de Santana necessitava de um centro mais “limpo” para atender a uma classe social diferente, que recorria a outros recursos econômicos além das feiras livres.

Durante esse processo, na segunda metade dos anos 1970, iniciou-se uma transformação significativa na rua Sales Barbosa, convertendo-a em um calçadão, como observado o antes e depois nas (figuras 8 e 9). Conforme relatado por Pomponet ao site Tribuna Feirense<sup>6</sup>, o objetivo do calçadão era permitir que os lojistas atendessem à nova classe social que estava chegando na cidade e possuía maior poder aquisitivo.

---

<sup>6</sup> Para saber mais, acesse: <https://www.tribunafeirense.com.br/noticias/29354/a-genese-do-calçadão-da-sales-barbosa-i>



**Figura 8:** Rua Sales Barbosa antes do Calçadão.

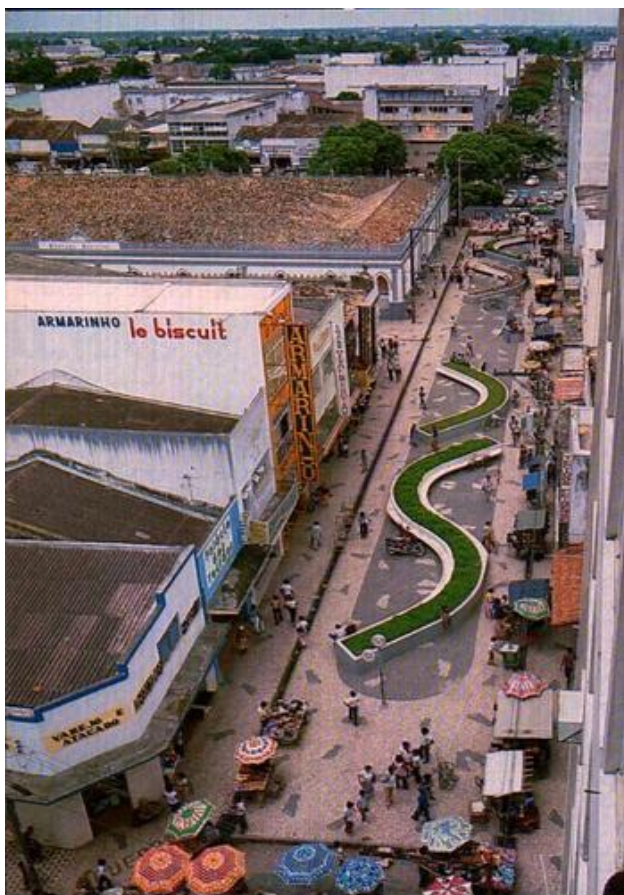
**Fonte:** Blog Por Simas, 2015.



**Figura 9:** Rua Sales Barbosa.

**Fonte:** Via Carlos Mello para o Núcleo de Preservação da Memória Feirense Rollie Poppino, s/d.

Apesar dos esforços para limpar o centro urbano e modernizar a Sales Barbosa, ainda era possível encontrar alguns ambulantes nas áreas próximas ao Mercado de Arte. Como mencionado por Antônio Gonçalves (2019), “A área central de Feira de Santana parece, ainda, guardar remanescentes da antiga feira livre” (Gonçalves, 2019, p. 87). Observa-se, portanto, uma resistência dos ambulantes mesmo com a transição dos feirantes, especialmente com a crise econômica de 1980, contribuindo para a reconfiguração do local (figura 10) (Tribuna Feirense, 2018).



**Figura 10:** Calçadão da Sales Barbosa em 1984.

**Fonte:** Blog Por Simas, 2020.

A nova dinâmica gerou uma disputa constante entre o poder público, empresários e ambulantes. Com o retorno do comércio informal na década de 1980, o poder público optou por remover os bancos, consolidando a presença dos ambulantes na rua, em 1990 (figura 11) (Nery, 2023). Essa consolidação se estendeu, também, por outras áreas centrais de Feira de Santana. Dessa forma, a configuração prevaleceu até o início de 2021, quando iniciou as obras do projeto “Novo Centro” (figura 12), sob a gestão de Colbert Martins da Silva Filho, seguindo uma tendência iniciada na década de 1970, como observado ao decorrer do estudo.



**Figura 11:** Antes do início das obras do projeto Novo Centro.

**Fonte:** Acervo pessoal de ACM. Fotografia gentilmente concedida para esta pesquisa, s/d.



**Figura 12:** Projeto Novo Centro Sales Barbosa.

**Fonte:** Jornal Grande Bahia, s/d.

O projeto, concebido com a intenção de requalificar as calçadas e redesenhar a paisagem urbana, almejava melhorias estéticas e transformações funcionais. Uma das medidas centrais do projeto foi a realocação dos ambulantes e camelôs para o Shopping Popular, situado no terreno ao lado do centro de abastecimento, afastando-os do núcleo comercial mais movimentado da cidade.

Essa mudança, embora tenha sido planejada com a intenção de promover uma ordenação do espaço público e estimular o desenvolvimento urbano, não ocorreu sem controvérsias. Enquanto alguns enxergaram na medida uma oportunidade de modernização e organização, outros expressaram preocupações quanto ao impacto nas comunidades de ambulantes e camelôs, cuja subsistência dependia da atividade comercial nas ruas centrais.

A análise detalhada da nova paisagem da rua Sales Barbosa, conforme observado por Bárbara Nery (2022), revela uma desconexão significativa entre as expectativas estabelecidas pelo projeto de divulgação do Novo Centro e a realidade pós-obra. O projeto inicial vislumbrava uma integração dinâmica da sociedade com o ambiente urbano, destacando a priorização dos pedestres e ciclistas, juntamente com espaços de lazer. Contudo, ao finalizar a execução, a paisagem resultante não reflete fielmente as promessas e intenções dos idealizadores.

Ao examinar a (figura 13), é perceptível que os bancos, que deveriam servir como pontos de descanso e interação social, carecem de materiais adequados e proteção contra as intempéries climáticas. Essa deficiência compromete diretamente a utilidade e a durabilidade dos móveis urbanos, dificultando seu uso e prejudicando a experiência dos transeuntes (Nery, 2022, p. 4-5). Outro ponto de desvio em relação ao projeto original é a ausência de vegetação e coberturas que proporcionem conforto térmico aos pedestres. A falta de áreas sombreadas e elementos naturais contribui para a degradação do ambiente urbano, tornando-o menos convidativo e acolhedor, especialmente em climas adversos.



**Figura 13:** Nova configuração da paisagem da Rua Sales.

**Fonte:** Google Earth, 2023.

É essencial destacar a descaracterização dos bens materiais, como as fachadas mencionadas no texto. Ao longo do tempo, essas fachadas passaram por um processo de descaracterização, especialmente com a substituição de suas características Art Déco por fachadas em ACM. Na (figura 14) é possível observar platibandas encobertas pelo material, carregando elementos publicitários relacionados ao uso comercial dos edifícios. Conforme descrito por Oliveira et al. (2023), ao delimitar o centro histórico de Feira de Santana, onde a Rua Sales Barbosa está inserida, os autores mencionam a desproporção das propagandas e as perdas significativas de bens históricos e culturais.



**Figura 14:** Foto rua Sales Barbosa.

**Fonte:** Do autor, 2023.

Na rua Sales Barbosa, as mudanças na paisagem estão diretamente ligadas ao desejo de modernização, muitas vezes resultando na perda de tradições e memórias locais. Atualmente, a rua é dominada por estabelecimentos comerciais formais, com lojas de móveis, roupas, decoração e serviços eletrônicos. A maioria das construções possui entre um e dois pavimentos, mantendo uma baixa altura, com exceção de alguns prédios, como o do INSS, que se destaca com até oito pavimentos, quebrando a uniformidade do gabarito. No entanto, essa edificação não incorpora atributos que resgatem os bens culturais materiais e imateriais, como a feira livre e as fachadas das casas comerciais anteriormente presentes no local.

É possível observar que, ao transformar a paisagem da Rua Sales Barbosa, ocorrem mudanças nos padrões sociais e culturais da região. Essas alterações muitas vezes resultam na perda de tradições culturais e podem gerar novas problemáticas, refletindo a complexidade do processo de urbanização.

### **BENS CULTURAIS, MEMÓRIA COLETIVA E A RUA SALES BARBOSA**

Ao longo do estudo, ficou evidente que as constantes transformações espaciais e culturais da Rua Sales Barbosa, impulsionadas pelo desenvolvimento urbano, tiveram um impacto na memória coletiva dos feirantes e outros usuários que ali atuavam. Essas mudanças alteraram os padrões culturais, o perfil socioeconômico da rua, mas também enfraqueceram os símbolos e as práticas que

constituíam seus quadros de lembrança de uma época onde a feira livre participava da dinâmica da rua.

A remoção da feira e a descaracterização dos edifícios de valor cultural, como os de estilo Art Déco, fragmentaram a relação entre o passado e o presente, diluindo as referências que sustentavam a memória desses grupos. Hoje, a Rua Sales Barbosa se encontra de forma ambígua: por um lado reconhece o avanço do progresso urbano, por outro existe a perda dos marcos que faziam parte de sua história coletiva. Essa ambiguidade é vista desde as primeiras modificações locais, como retrata Lima (2014) ao estudar Feira de Santana e o complexo da rua do Meio:

Assim, podemos afirmar que entre as décadas de 1940-1960 - temporalidade dessa pesquisa - Feira de Santana convivia com uma identidade ambígua, uma espécie de esquizofrenia histriônica: de um lado, um discurso modernizante, declamado como um mantra por parte de uma elite progressiva e que guiou atos responsáveis por transformações pelo menos do ponto de vista urbanístico, do outro lado, comportamentos e práticas mantidos e reproduzidos por variados sujeitos vistos como inimigos do progresso. A existência destes incomodava deveras aqueles, particularmente na consolidação do projeto no qual tanta energia, palavra, dinheiro e articulação já haviam sido gastos (p. 26).

Halbwachs (1990) defende que a memória individual é sempre uma fração da memória coletiva, já que nossas lembranças são constantemente influenciadas pelos grupos dos quais fazemos parte. Embora a memória individual parta do ponto de vista do sujeito, ela é moldada por memórias compartilhadas dentro dos grupos. O autor explica que “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (p. 25). Isso significa que nossa experiência de recordar está sempre ancorada em signos e memórias coletivas, fornecendo uma espécie de suporte àquilo que rememoramos. Assim, mesmo quando recordamos eventos aparentemente pessoais, nossa percepção é moldada pelas influências e memórias de outros, o que torna nossas lembranças mais nítidas e seguras.

Ao abordar a sobrevivência de grupos desaparecidos, o autor discute como as transformações urbanas, como a demolição de casas e monumentos, podem apagar os marcos físicos necessários para evocar lembranças do passado. No entanto, ele ressalta que, mesmo com a substituição do antigo pelo novo, ainda é possível mergulhar no passado por meio de vestígios que restam da sociedade anterior. Essas lembranças persistem especialmente entre aqueles que viveram em épocas anteriores, permitindo que essas sociedades antigas sobrevivam em nossa memória coletiva.

Com relação à materialidade encontrada nos meios urbanos - ou seja, às paisagens e elementos familiares aos indivíduos -, o autor observa que o cenário em que estamos envolvidos nos proporciona estabilidade. Isso se deve ao fato de que essas paisagens mudam lentamente, oferecendo tempo suficiente para podermos nos apegar a elas e considerá-las como estáveis. No entanto, ao sermos expostos a um novo cenário, surge uma sensação de incerteza; como o autor

afirma, “É como se houvéssemos deixado para trás toda a nossa personalidade, tanto é verdade que as imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do nosso eu” (p. 91).

Halbwachs (1990) também ressalta que os grupos modificam os espaços que habitam, ao mesmo tempo em que o espaço imprime ao grupo signos que conferem identificação. O autor exemplifica que, ao se destruir um local como a abadia de Port-Royal, isso pode acarretar o esfacelamento de memórias que eram compartilhadas e que traziam significado aos grupos. Outro ponto importante é que, mesmo que as cidades estejam em constante modificação, as culturas não se alteram com a mesma frequência. Isso significa que as mudanças no ambiente urbano impactam a maneira como os grupos exercem suas atividades culturais e sua relação com a cidade.

Na rua Sales Barbosa, as ideias de Halbwachs (1990) se expressavam nos detalhes intrincados dos hábitos culturais, como a feira livre, que, em tempos anteriores às mudanças urbanas, conferiam um significado profundo à vida da população local. A feira além de fomento da economia local, era um local de encontro que preserva memórias coletivas e reforça a identidade da comunidade.

As mudanças são parte natural do desenvolvimento e expansão urbana. No entanto, em Feira de Santana, as transformações no centro da cidade provocam uma ruptura nos costumes, criando desafios para os indivíduos se adaptarem ao novo uso do espaço, que historicamente abrigava a feira livre e ao espaço implementado para essa função, como o centro de abastecimento e o shopping popular.

Essa ruptura pode ser identificada nas várias paisagens que atravessaram a rua Sales Barbosa, devido à busca pela modernização do espaço, o que influencia a reconfiguração dos hábitos, refletindo principalmente em dois momentos: o primeiro em 1970, quando o comércio informal foi deslocado para o Centro de Abastecimento, com o retorno parcial de alguns feirantes em 1980; e o segundo em 2021, com o deslocamento para o Shopping Popular. No entanto, muitos feirantes abandonaram o novo espaço:

‘Muitos abandonaram, eu acredito, abandonaram por falta de cliente, de venda. Aqueles que trabalham aqui, geralmente trabalham meio período, aí abrem um período, outro período saem para ganhar o pão em outro lugar, outros realmente abandonaram, estão vivendo já de carteira assinada, montaram seu comerciozinho na porta da casa, outros já trabalham no meio da rua, subindo com a tela, então assim, cada um procurou se reinventar para sobreviver. Cerca de 700 boxes estão fechados aqui, vamos ver ao certo no recadastramento’ (Acorda cidade, online, 2024).

Além disso, Halbwachs explica que “nosso ambiente material deixa sua marca em nós e nos outros”, levando-nos a nós apegar aos objetos externos (Halbwachs, 1990, p. 131). Nesse contexto, os grupos encontram nos bens um recurso para a preservação e expressão de sua identidade. Ao se apropriarem desses símbolos, eles reafirmam sua conexão com o passado e sua posição no presente. Os bens, assim, se tornam um território para a construção e reafirmação da identidade

coletiva. É dentro desse contexto que os grupos encontram um senso de pertencimento e continuidade, ancorados nas raízes de sua própria história e cultura (Rodrigues, 2012).

Assim, os símbolos que permeiam nossa paisagem, sejam eles tangíveis ou intangíveis, desempenham um papel fundamental nessa narrativa de lembrança. Os bens materiais, desde monumentos arquitetônicos até artefatos históricos, e os imateriais, como tradições orais e práticas culturais, atuam como veículos da memória, ancorando-nos em nossas raízes e relembrando-nos quem somos. Denominados de “bens culturais”, estes elementos são testemunhos de um povo ou de uma tradição, mas não recebem necessariamente o título de “protegidos”. Esse título é conferido aos patrimônios culturais, que são os bens culturais selecionados para preservação oficial (Guedes, Maria T. F.; Maio, Luciana M., Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural, 2016).

No entanto, Ulpiano Meneses (2012) analisa a seleção de bens que se tornam patrimônio cultural, destacando que, mesmo quando o poder público atribui esse título, a verdadeira valorização vem da sociedade, que reconhece o valor cultural de um bem, seja tangível ou intangível. Meneses (idem) classifica os valores relacionados ao patrimônio em dimensões cognitivas, formais, pragmáticas, éticas e afetivas.

A dimensão cognitiva do patrimônio atua como um “arquivo vivo”, oferecendo narrativas que esclarecem o passado e promovem uma consciência histórica coletiva. A dimensão formal, por sua vez, está representada por objetos tangíveis, como edifícios e artefatos, que simbolizam a herança cultural, contribuindo esteticamente para as práticas realizadas no local.

Já a dimensão afetiva, revela as conexões emocionais que as pessoas estabelecem com os bens culturais, gerando um senso de pertencimento e continuidade. Na dimensão pragmática, o patrimônio tem um papel funcional, contribuindo para o turismo, o desenvolvimento econômico, a educação e a coesão social, ao mesmo tempo em que promove a sustentabilidade cultural e ambiental das comunidades.

Por último, a dimensão ética do patrimônio cultural diz respeito aos princípios que orientam sua preservação e gestão. Proteger o patrimônio implica reconhecer o direito das futuras gerações de herdar as riquezas culturais das anteriores e promover a diversidade cultural, a equidade e o respeito pelos direitos humanos (Meneses, 2012).

Na Rua Sales Barbosa, sobressaem os valores afetivos e pragmáticos. O valor afetivo relaciona-se à sua relevância histórica, conectando a rua à memória coletiva e à identidade cultural local. O valor pragmático é evidente na feira livre, que, segundo Moreira (1996), atraía turistas de várias regiões e até do exterior. Contudo, apesar do potencial turístico, o poder público de Feira de Santana não investiu nesse atrativo, e a gestão municipal não a considerava um ponto turístico. Embora houvesse controvérsias sobre a feira livre, a rua era vital para aqueles que dela dependiam para seu sustento, refletindo movimentos culturais desde sua formação.

Atualmente, a Rua Sales Barbosa é predominantemente utilizada para o comércio pelos empresários locais. O calçadão ocasionalmente abriga apresentações culturais, que homenageiam o poeta Sales Barbosa, que viveu na via e inspirou seu nome.

Assim, a reflexão sobre os valores afetivos e pragmáticos que permeiam a Rua Sales Barbosa se torna essencial para compreender a complexidade de suas transformações e a importância de estratégias que promovam a preservação do patrimônio, aliando tradição e inovação.

A rua Sales Barbosa representa a descontinuidade à história e as identidades culturais dos grupos que ali habitavam e a descaracterização da arquitetura. Ao perderem os pontos de referência, como a feira livre e a arquitetura no estilo Art Decó, que representam sua história e memória coletiva, essas comunidades enfrentam uma desconexão com seu passado. Essa desconexão pode levar a uma sensação de deslocamento e alienação, onde os residentes se sentem desconectados de suas próprias raízes culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das fotografias, das plantas e dos autores discutidos, revela as características culturais de Feira de Santana e as motivações que transformaram a rua Sales Barbosa em um calçadão. A negligência em relação aos hábitos culturais afeta a memória e o pertencimento da população, uma vez que, como vimos, a memória coletiva é reforçada por símbolos espaciais, representados na rua pela feira livre e pelas fachadas em estilo Art Decó, que são fundamentais para a identidade local.

As transformações na rua Sales Barbosa demonstram que a falta de preservação das fachadas e o esquecimento dos costumes dos ambulantes comprometem a identidade cultural. Isso levanta questões importantes: para modernizar, é preciso destruir? O progresso urbano deve ser alcançado a qualquer custo? De que forma podemos promover um desenvolvimento que respeite a cultura e, ao mesmo tempo, traga melhorias na área?

Portanto, é essencial adotar uma abordagem que valorize e preserve a cultura local, promovendo um progresso urbano que considere a história e a identidade da comunidade. Isso garantirá que as futuras gerações possam continuar a se conectar com suas raízes e a vivenciar a cultura na rua Sales Barbosa, como também, outras áreas das cidades que passam e/ou passaram pelo processo de descaracterização.

## REFERÊNCIAS

ACORDA CIDADE. Presidente da associação dos camelôs relata expectativa após recadastramento no Shopping Popular: “vamos saber quantos ainda estão aqui”. **Acorda Cidade**, 08 fev. 2024. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/feira-de-santana/presidente-da-associacao-dos-camelos-relata-expectativa-apos-recadastramento-no-shopping-popular-vamos-saber-quantos-ainda-estao-aqui/>. Acesso em: 08 out. 2024.

ARAÚJO, Alessandra Oliveira. **Redes e centralidade em Feira de Santana (BA): o Centro de Abastecimento e o comércio de feijão**. Salvador. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, 2005.

Azevedo, L. D. **Feira de Santana: entre culturas, paisagens, imagens e memórias visuais urbanas - um estudo que dialoga com as décadas de 1950 a 2009** [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, Feira de Santana, 2009. Orientadora: Lysie dos Reis Oliveira. Coorientadora: Nadia Virginia Barbosa Carneiro.

GONÇALVES, Luiz Antônio Araújo. **A metamorfose da feira nordestina: a inserção da confecção popular** / Luiz Antônio Araújo Gonçalves. -- São Paulo: Blucher/Edições UVA, 2019.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira; MAIO, Luciana Mourão. Bem cultural. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Leon Shaffter. 2ª ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. et al. **Cidades Interioranas da Bahia: modernidade, civilidade e sociabilidade**. 2016. Feira de Santana, BA: Editora UEFS, p. 195.

LIMA, Carlos Alberto Alves. **De Luzes e Becos: cartografias, itinerários e imagens do “Complexo Rua do Meio” (1940-1960)**. 2014. (168 f.). Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em História, 2014.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. O campo do Patrimônio Cultural: Uma revisão de Premissas. **Anais... I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural**. Vol. 1, 2012, p. 1-15.

Moreira, V. D. **Outras Palavras**. Sitientibus, Feira de Santana, n. 14, p. 205-215, 1996.

NERY, Bárbara Karolynne de Souza; ZEVEDO, Livia Dias. **O projeto “Novo Centro” e o redesenho urbano da rua Sales Barbosa em Feira de Santana- BA**. Feira de Santana: Universidade estadual de Feira de Santana, 2023.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica**. 2012.

SIMÕES, Kleber José Fonseca. **Os homens da Princesa do Sertão:** modernidade e identidade masculina em Feira de Santana (1918-1938). 2007. 135f. Dissertação (Mestrado História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

VÁZQUEZ, Carlos García. **Ciudad Hojaldre:** Visiones urbanas del siglo XXI. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.L., 2009.